



Google Cloud Cast

Episódio #7: Apagão no mercado de TI: como reduzir o gap de profissionais do setor



Daniel Leite, Executivo de Vendas do Google Cloud

Descrição da imagem: foto com o rosto de Daniel Leite. Daniel tem pele clara, cabelos curtos e na foto aparece usando uma camisa social e sorrindo.



Marcelo Gomes, Executivo de Vendas do Google Cloud

Descrição da imagem: foto com rosto de Marcelo Gomes. Marcelo tem pele clara, barba curta, usa óculos e na foto aparece usando uma camiseta preta e sorrindo.



Fabio La Selva, Head de Cloud Education do Google para a América Latina

Descrição da imagem: foto com rosto de Fabio La Selva. Fabio tem pele clara, barba e na foto aparece usando camisa social e paletó.



Carmela Borst, CEO e fundadora da SoulCode Academy

Descrição da imagem: foto com rosto de Carmela Borst. Carmela tem pele clara, cabelos cacheados na altura dos ombros e na foto aparece usando um casaco com zíper fechado e sorrindo.



Daniel Leite: Olá! Sejam todos bem-vindos e bem-vindas a mais uma edição do nosso querido Google Cloud Cast. Este é o sétimo episódio da terceira temporada. Eu sou Daniel Leite, sou executivo de vendas de Google Cloud e, como sempre, com meu parceiro e co-host deste lindo podcast, Marcelo Gomes. E aí, Marcelinho, tudo bem?



Marcelo Gomes: Oi, Dani! Tudo joia, e você? Eu sou o Marcelo Gomes, como meu amigo, Dani, comentou. Eu sou também executivo de vendas aqui dentro da estrutura de Google Cloud, e essa nossa terceira temporada está ficando cada vez melhor. Queria lembrar a vocês que, caso vocês queiram entrar em contato conosco, nós temos o nosso e-mail de contato, que é o googlecloudcast@google.com. Lembrando que nós aceitamos de tudo no e-mail — comentários, sugestões, críticas — tudo é bem-vindo na nossa caixa de entrada para os nossos queridos ouvintes.



Daniel Leite: É isso aí! Nos enviem os e-mails. Estamos aguardando os seus comentários ou qualquer outra coisa como o Marcelinho comentou. Pode até mandar foto, não tem problema nenhum! Estamos aqui abertos a tudo! Vamos lá, começando o nosso sétimo episódio! Hoje o assunto é quente. Bom, transformação digital não é mais uma tendência. Muitas vezes nós já falamos, já tocamos nesse ponto. É uma realidade com urgência para as empresas. A gente falou desse tema aqui em vários episódios no nosso podcast, inclusive nessa temporada mesmo, e comentamos também sobre como o processo foi acelerado por todos os desafios dos últimos anos e como isso expandiu os negócios no Brasil. As empresas se beneficiaram disso, nós, funcionários, nos beneficiamos também, o nosso CPF, nós como indivíduos, também nos beneficiamos dessa aceleração de todos os negócios no Brasil. Para dar conta dessa demanda digital em crescimento, existe uma categoria de profissionais que vem sendo muito requisitada no mercado de trabalho. E aí eu te pergunto: sabe qual é essa categoria, Marcelinho?



Marcelo Gomes: Olha, Dani, fica aí aquele question mark, mas eu imagino que a gente esteja falando dos profissionais de tecnologia, certo?



Daniel Leite: Ahá! Exatamente, Marcelinho! A procura por esses profissionais de tecnologia capacitados no setor de TI, principalmente com esse foco, tem crescido muito nos últimos anos. E seria uma ótima notícia se não esbarrasse num grande problema: como encontrar esses profissionais? De um lado, existem muitas oportunidades. As empresas estão precisando cada vez mais contratar, mas, de outro lado, faltam profissionais qualificados para ocupar essas vagas, o que causa uma deficiência que nós vemos no mercado atualmente, quando a gente olha no mundo da tecnologia. A gente fala do “apagão digital”, como os especialistas também têm comentado, têm usado bastante esse termo.



Marcelo Gomes: Pois é, Dani, e cada vez mais essas empresas precisam de tecnologia. Hoje a gente está totalmente dependente e a tecnologia hoje passou a ser parte do negócio, e deixa o mercado muito mais aquecido. Parece até contraditório quando a gente fala de um contexto brasileiro — um país onde a gente tem uma taxa de desemprego extremamente alta nos últimos anos, com cerca de 10 milhões de pessoas nessa condição. Mas uma prova sobre a alta demanda do mercado dessa questão de busca por profissionais de tecnologia é um levantamento que a gente tem da Associação Brasileira das Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação, a Brasscom. Ela aponta uma demanda de 797 mil profissionais da área de TI no país até 2025. A gente está falando de muita gente! Mas, hoje, segundo a entidade, o Brasil só forma cerca de 53 mil profissionais com esse perfil por ano, o que reforça ainda mais essa deficiência que você comentou, Dani, essa distância que a gente cria dentro desse cenário de necessidade de mão de obra e pessoas disponíveis realmente no mercado.



Daniel Leite: É isso aí! E esse é o tema do episódio de hoje: o gap educacional no mercado de tecnologia e de cloud, mais especificamente. Vamos falar desse cenário, debater os desafios, as oportunidades, tanto do lado das empresas de tecnologia quanto, claro, do lado dos profissionais. Marcelinho, por favor, apresente os nossos convidados para enriquecer o nosso papo aqui.



Marcelo Gomes: Bom, eu estou superfeliz porque a gente recebeu aqui duas pessoas excelentes para poder falar sobre esse assunto, que é o querido Fabio La Selva, Head de Cloud Education dentro da estrutura de Google Cloud na América Latina, e a Carmela Borst, que é CEO e fundadora da SoulCode Academy, que está fazendo uma parceria muito grande com a gente. É uma edtech brasileira que foi fundada em 2020 e tem esse propósito de gerar impacto social e empregabilidade com

educação tecnológica. Muito bem-vindo, Fabio, e muito bem-vinda, Carmela! Obrigado por vocês terem aceitado esse nosso convite de estar aqui com a gente hoje.



Carmela Borst: Obrigada a vocês pelo convite! É um prazer, um barato estar aqui com você, Fabio. A gente tem feito tanta coisa juntos, então vai ser muito bom esse bate-papo. Vamos nessa!



Fabio La Selva: Bom, pessoal, primeiramente, boa tarde! Mais uma vez, superobrigado, Daniel, Marcelinho, pelo convite de participar do Cloud Cast aqui com vocês. Acho muito bacana essa iniciativa! Como o Marcelinho colocou, sou Head de Cloud Education para a América Latina, e vamos bater um papo sobre esse tema de educação, que é tão importante para o mercado de tecnologia hoje. E mais honrado ainda de estar participando junto da Carmela, que é uma superparceira. Conheço ela há mais de 10 anos de mercado, não é, Carmela? E com quem, sem dúvida, eu sempre aprendi muito, sempre aprendo muito. Então, muito obrigado mesmo, pessoal, e é muito bacana estar aqui com vocês hoje.



Daniel Leite: Como todos agradeceram, eu também não posso deixar de agradecer. Muito obrigado por estarem aqui no nosso Google Cloud Cast! Vamos começar falando desse cenário atual do mercado de trabalho no setor de TI, olhando principalmente para esse mundo aqui nosso, Brasil. O Marcelinho citou [que] segundo a Brasscom a demanda média anual é de 159 mil profissionais de tecnologia da informação e comunicação. Mas também, como o Marcelinho citou antes, o Brasil forma cerca de 53 mil profissionais com esse perfil por ano. A conta não fecha, isso é fato! Esses números refletem o crescimento acelerado do setor, mas também deixam evidente que a necessidade de formação profissional também seja ampliada no mesmo ritmo. Acabamos de citar os números e vemos que não é. Fabio, Carmela, baseado na expertise de vocês, olhando para esse mercado, de que forma vocês enxergam esse cenário no Brasil hoje e o que pode ser feito para diminuir esse gap? Por favor, fiquem à vontade e falem o que vocês acharem que faz sentido aqui.



Carmela Borst: Bom, então acho que vou começar aqui. Primeiro, é superimportante esses números que vocês trouxeram, porque essa é a dicotomia que a gente vive no Brasil. De um lado, a gente tem quase 11 milhões de desempregados e, do outro, a gente está falando de quase 800 mil vagas abertas que não são fechadas por falta de capacitação. E aí quando a gente olha para esse momento, para esse número, a gente também vê aqui da SoulCode muita oportunidade: oportunidade de gerar emprego, de trazer a capacitação e de fazer a ponte para cobrir esse apagão digital [de] que tanto se fala. Então eu gostaria de emendar aqui, até pedir para o Fabio, porque a gente fala de um apagão digital [e]

ao mesmo tempo nós temos milhares de desempregados só precisando de uma oportunidade, porque eles são os chamados... Pessoal, até é bom trazer esses dois “nomes” para a gente falar daqui para a frente, porque a gente tem dois tipos de vulneráveis nesses 11 milhões de desempregados, eu diria entre os 30 milhões de invisíveis, que existem no nosso país. “Vulnerável social”, que a gente sabe quais são, que estão nas favelas, nas periferias, que estão desempregados. Mas a gente tem também o “vulnerável digital”, que é aquele que, inclusive, tem uma boa formação e o que ele precisa agora é digitalizar, aprender uma nova profissão, como o Google Cloud, por exemplo. Não é, Fabio?



Fabio La Selva: É isso aí, Carmela! A falta de mão de obra qualificada é, sem dúvida, um dos maiores desafios do nosso mercado, do mercado de TI hoje, e, complementando um pouquinho, ter só uma tecnologia de ponta, oferecer tecnologia e conhecimento de ponta para o mercado a gente já viu que não é o suficiente, porque a gente precisa também ter pessoas qualificadas para implementar essas tecnologias no mercado. Então a Carmela trouxe os dados, trouxe os conceitos de vulnerabilidade do mercado de TI e, afinando um pouco mais, precisamente do mercado de cloud, a IDC hoje estima que o consumo de nuvem deve crescer 34% entre 2019 e 2024 aqui no nosso país, no Brasil. É uma expectativa que, na verdade, já é uma realidade, Então é superotimista para o nosso mercado, mas, como diz a famosa frase do Homem-Aranha: um grande poder traz junto uma grande responsabilidade. E a responsabilidade das empresas, dos times de TI das empresas é, de fato, planejar sua expansão e o seu futuro. E isso, de verdade, está diretamente relacionado com a necessidade de encontrar esses profissionais capacitados no mercado.



Marcelo Gomes: Sensacionais os pontos que vocês tocaram, complementando todos os dados que a gente trouxe, mas eu acho que é importante a gente até falar sobre esse cenário dos últimos anos, [em] que surgiram muitas edtechs, inclusive aqui no Brasil, e a SoulCode Academy foi uma delas, né, Carmela? Porque vocês se fundaram em 2020, ou seja, chegou bem no meio da pandemia. Se a gente puder dizer, foi criada dentro do processo da pandemia que, aqui no Brasil, começou em março. E vocês hoje são os principais players de educação digital com esse propósito de formar profissionais para atender essa deficiência que a gente tem no mercado de TI. Mas acho que, além dessa questão da formação, que obviamente é superfundamental, a gente tem outros aspectos superimportantes [de] que a gente fala muito, que não é só o setor de TI, mas é a questão da qualificação continuada. Então eu queria fazer uma pergunta para vocês: como é que vocês acham que as empresas podem se organizar para poder aplicar isso nos seus times? Quais são os benefícios dessa prática mais contínua? E acho que seria legal também, Carmela, você falar um pouco de como tem sido esse trabalho da SoulCode nesses últimos anos. Quais são os resultados que vocês têm visto até o momento?



Carmela Borst: Bom, eu vou então falar da SoulCode e pedir para o Fabio entrar na sua primeira pergunta. A gente nasceu efetivamente, nós fomos para a rua, em dezembro de 2020. Mas é um trabalho que foi feito pelo menos uns três anos antes que foi... E eu fiz pessoalmente, eu fui [por] muito tempo uma alta executiva de multinacional de tecnologia, até [foi] onde a gente se conheceu, né, Fabio? E aí a ideia era: vamos trazer uma edtech que esteja fazendo alguma coisa que tenha impacto no Brasil ou criar uma edtech brasileira. Então eu tive a oportunidade de conhecer praticamente todas as edtechs que estavam, na época, criando esse tipo de ecossistema também ligado à empregabilidade, então, Vale do Silício, Europa, Singapura [e] entender como é que isso poderia ser aplicado aqui. E aí eu acho importante trazer dois pontos fundamentais. O primeiro é: existem e surgiram muitas edtechs que estão fazendo, cada uma dentro do seu pedaço, um trabalho incrível de capacitação. Mas a gente tem um diferencial que, pessoalmente, como fundadora, eu considero o principal, que é: a gente não cobra do aluno, é 100% gratuito. Por que isso? Porque tem uma outra forma, porque a gente acredita nessa capacitação, que é gerar impacto social através da empregabilidade e da educação, e também trazer a diversidade para esse mundo de tecnologia, que é um mundo que precisa, e definitivamente tem grandes empresas trabalhando para que ele seja um mundo mais diverso. Então, para isso, nós somos a única que traz sem nenhum custo para o aluno. No que a gente acredita? Quando esse aluno está capacitado, ele ganha uma profissão, porque isso é importante! O engenheiro de Google Cloud ganha uma profissão, por exemplo. Vocês não têm ideia quando... O Fabio já viu mas, Daniel e Marcelinho, vocês não têm ideia de como são as pessoas que até têm algum tipo de formação, algum tipo de faculdade, mas eles terminam falando, depois da capacitação, que eles são engenheiros de Google Cloud. É uma profissão que tem uma alta empregabilidade. Então, com isso, a gente consegue fazer não só impacto social, retirar essas pessoas do desemprego, [mas também] gerar essa empregabilidade, trabalhar a autoestima dessas pessoas que passam a ter um emprego. Para vocês terem uma ideia da renda familiar de um SoulCoder, como a gente chama os nossos alunos, ele entra em média com R\$ 3 mil e, quando ele acaba a capacitação e está empregado, normalmente ele dobra a renda familiar. Então, a gente está falando de impacto social na veia. E, quando a gente olha onde a gente vai empregar essas pessoas, [é] exatamente nessas mesmas empresas que estão vivendo hoje o apagão digital. Então é um ciclo “virtuoso”, é um ciclo onde a gente consegue, de fato, inclusive devolver para a sociedade o que a maioria de nós aqui teve ao longo da vida. Né, Fabio? Acho que a gente tem falado bastante sobre isso, sobre o papel da educação e da tecnologia para transformar a vida das pessoas.



Fabio La Selva: Super, Carmela! E antes de responder a pergunta do Marcelinho, eu preciso expressar a minha admiração mesmo pelo trabalho da SoulCode nessa missão que a Carmela acabou de colocar. A gente vê muitas edtechs no mercado e realmente a SoulCode tem uma missão diferenciada nesse modelo de negócio que eles implementaram. E, enfim, a gente faz parceria do lado de capacitação com o Google Cloud e é muito bacana os resultados que a gente vem assistindo juntos. Estamos muito orgulhosos da parceria! E um desses resultados a gente mostrou recentemente de uma das alunas da SoulCode, que a gente tem um vídeo. Então, depois, não sei se é possível colocar o link também, mas seria muito bacana que os nossos ouvintes assistissem também esse vídeo para ver a transformação que um programa como esse é capaz de realizar com uma parceria como essa. Voltando para a pergunta do Marcelinho, acho que, além de tudo isso, a gente percebe que é muito importante também manter uma rotina de capacitação frequente e contínua para acompanhar as demandas do mercado de trabalho, que estão se renovando sempre. Então essa é uma obrigação mesmo das empresas. Então, um programa interno de capacitação e recursos que os profissionais da empresa possam consultar, possam utilizar, é vital. E, na realidade, como eu comentei, essa obrigação vem através de um investimento que a empresa ou o grupo precisa fazer nos seus funcionários. E a gente já tem estudos e exemplos práticos que nos mostram, que nos comprovam, que essa força de capacitação interna traz retorno e traz resultados para as empresas. É comprovado que o ROI vem, então é realmente um investimento necessário.



Daniel Leite: Eu diria que conhecimento nunca é demais e, para o mundo que a gente está tocando agora, principalmente a capacitação focada em tecnologia, com certeza, ele leva as empresas, leva os profissionais a um patamar muito diferente, seja ele de carreira ou, mesmo como a Carmela comentou, até de inserção social, aumento de renda e tem uma série de outras coisas que envolvem esse tema. Pensando nisso, vou puxar um outro tema que envolve, claro, a SoulCode Academy. A Carmela já deu vários exemplos e o próprio Fabio reforçou, mas a SoulCode Academy participa de alguns projetos de educação com o Google Cloud. Um deles foi lançado recentemente, chamado Capacita+. Eu mesmo já cheguei a citar em alguns dos outros eventos, não aqui no nosso podcast, mas em outros eventos que eu faço, o Capacita+. Acho um programa extremamente nobre. Mas vou pedir a ajuda do Fabio para contar para a gente um pouco mais como funciona esse programa e qual é o propósito dessa iniciativa.



Fabio La Selva: Legal, Daniel. Muito boa pergunta porque deixa a gente esclarecer como funciona o Capacita+. O Capacita+, pessoal, é o nosso portal de aprendizado e treinamento, que foi criado justamente pensando nesse propósito de suprir esse déficit de mão de obra qualificada, [de] que a gente está conversando aqui, para trabalhar no mercado de TI [de] que a gente vem falando já faz bastante tempo, além

da nossa conversa. Em Google Cloud, atualmente, a gente trabalha fortemente em duas frentes com esse propósito. Uma é com as nossas parcerias com universidades e instituições de ensino, como a parceria com a SoulCode, com a Carmela aqui. E a outra é através da disponibilização de programas e conteúdos abertos para todo o público. Qualquer desenvolvedor, qualquer curioso — ou seja, o seu primo, o seu vizinho — qualquer pessoa que esteja interessada pode ir ao nosso portal Capacita+ e dar uma olhada nos conteúdos que estão ali dentro. O Capacita foi lançado em setembro do ano passado com o intuito de tornar os fundamentos da tecnologia em nuvem mais acessíveis para que os talentos locais possam aprimorar as suas habilidades, desenvolver as suas carreiras e se beneficiar com as futuras oportunidades de emprego na área. E é muito bacana, porque ele é dividido em três pilares: Aprender, Praticar e Crescer. Tem, de verdade, muita coisa em cada um deles. Eu vou convidar os ouvintes a entrar no site, brincar, testar os conteúdos mesmo. Mas, basicamente, no pilar Aprender, a gente vai ter algumas plataformas com conteúdos, como o nosso canal do YouTube. Tem também a plataforma do Ateliê Digital do Google, que ensina diversas habilidades de soft skills. Tem o Grasshopper, que ensina a linguagem básica de programação. Então, quem gosta de programar ou quer aprender pode entrar lá e conferir um pouco mais desse recurso. O que mais? Tem o TechHub, que é uma agenda de treinamentos de tecnologia de cloud, que são as sessões diretamente com especialistas em cloud. Enfim, tem muita coisa! Teria que passar um tempão para descrever tudo o que tem. Mas, também, só para terminar os pilares, tem o pilar Pratique, onde a gente tem acesso à nossa plataforma [em] que o usuário vai ter contato com os nossos laboratórios de cloud prático, onde ele vai ter oportunidade de colocar a mão na massa mesmo, e o pilar Cresça, que vai disponibilizar uma outra série de recursos para o desenvolvedor mais avançado continuar a jornada de conhecimento. É muito bacana, é bem completo. Eu convido todo mundo, todos os ouvintes, a entrarem no link, que é g.co/cloud/capacitamais. É bem completo e vocês vão ver a mágica acontecer, do conhecimento!



Marcelo Gomes: Muito legal, Fabio! Eu vou aproveitar esse gancho e vou fazer mais uma pergunta. Falando nesse contexto de cursos online, de quando a gente fala de formação profissionalizante semelhante ao que a gente oferece aqui dentro do Google Cloud que você comentou, eles são uma tendência para a educação aqui no Brasil e já têm a capacidade de inserir profissionais aptos para poder atuar em suas áreas com uma velocidade mais acelerada, vamos dizer assim, uma maior velocidade. Comenta um pouquinho para a gente as questões de parceria com universidades e a questão da importância dela dentro desse mercado todo. Eu acho que é importante para os nossos e as nossas queridas ouvintes saberem um pouquinho mais.



Fabio La Selva: Muito bom, Marcelinho. Como eu estava falando, a gente tem duas frentes e uma delas é justamente essa das parcerias com as universidades e instituições de ensino. A importância dessa parceria é tremenda porque, enquanto nós, Google Cloud, possuímos acesso ao conteúdo (criamos conteúdo de qualidade) e às informações, é nas universidades e nessas instituições de ensino que estão os alunos, os estudantes, já pré-preparados, digamos assim, para receber e assimilar o nosso conteúdo, e também os professores, instrutores, para guiá-los nessa jornada. Nosso intuito não é substituir a formação acadêmica. Pelo contrário, é fazer parceria com elas. Então, a gente quer ser parte ativa desse processo de inovação e transformação digital das empresas que atuam aqui no Brasil. E, para isso, a gente entende que é importante garantir que a adoção de tecnologias na nuvem crie oportunidades para novas carreiras e, claro, especialmente para os jovens. Por isso as parcerias com essas instituições de ensino. E é por isso, então, que as universidades têm que fazer parte da nossa estratégia, e não só as universidades, na verdade, mas também em outras instituições de ensino como a SoulCode, por exemplo.



Daniel Leite: Perfeito. Fabio, eu não vou usar a mesma expressão do Marcelinho, mas eu vou pegar o gancho, porque eu também sempre falo isso. Mas eu quero aprofundar um pouco mais nesse tema e até fazer uma pergunta um pouco mais específica quando a gente olha para o trabalho em TI. Vocês acham que, com tantas novas tecnologias e ferramentas que hoje facilitam a análise de grande volume de dados — e até no podcast a gente já citou algumas vezes temas nesse sentido — as empresas vão poder abrir mão da necessidade de contar com pessoas mais analíticas? Vocês acham que tem esse fator de não contar mais com essas pessoas?



Carmela Borst: Para quem vem do universo de tecnologia, eu diria que a tecnologia é o meio. O fim, o começo, sempre vão ser para as pessoas. É por isso que a gente está falando de educação, a gente está falando de empregabilidade. E é óbvio que com dados não é diferente. O que eu diria com relação aos dados? Quando a gente olha para as possibilidades que existem numa área, quando a gente fala que ela tem pessoas mais analíticas, quando a gente olha de novo para a questão da empregabilidade e de impacto social, você tem, por exemplo, uma gama de pessoas dentro desses 30 milhões de invisíveis ou dos 11 milhões de desempregados, que são pessoas que têm uma boa formação e têm uma capacidade incrível analítica. E aí a gente pode falar de uma diversidade etária, por exemplo. Os 50+ são pessoas que são muito bem preparadas. O que elas precisam? Elas precisam receber uma capacitação para poder minerar esses dados, para poder trabalhar esses dados, para poder fazer desses dados negócio. E qual é a tendência que a gente vê hoje, que vai crescendo cada vez mais? Essa área não está mais centralizada só em TI. A área de dados está cada vez mais indo para as áreas de negócios, para as áreas de marketing, por

exemplo, em que se toma decisão de impacto de negócio mesmo, de crescimento, de geração. Nas áreas, por exemplo, de marketing, a gente tem visto, e a gente tem trabalhado bastante isso, a contratação de profissionais como analistas de dados. Então, o Fabio falou, por exemplo, da Patricia. A Patricia é uma mulher preta, periférica e que estava completando quase 40 anos. Ela estava definitivamente fora do mercado de trabalho. Hoje ela é uma engenheira Google Cloud. E onde ela está contratada hoje? Ela está contratada dentro de uma agência, como uma analista de BI. Então a possibilidade de contratação de volume de pessoas para tratar de dados é enorme. Esse é um mercado em que os números, dentro do que a gente sabe, de crescimento são exponenciais. Eu diria que, sem dúvida nenhuma, é onde a gente vai ver mais oportunidades de emprego daqui para a frente.



Fabio La Selva: Eu estou 100% de acordo com a Carmela. Eu acho que esse momento acaba trazendo uma necessidade ainda maior de se contratar pessoas mais analíticas, que tenham a capacidade de entender os dados e vinculá-los às necessidades de negócio das empresas, às necessidades das organizações. Então essa é uma demanda de profissional que deve crescer cada vez mais. A linha coerente é que só cresça, uma vez que as organizações precisam desenvolver uma estratégia de dados para garantir esse crescimento.



Carmela Borst: Dados é ouro, né, Fabio?



Fabio La Selva: Dados é o novo petróleo. Essa é a frase, já há algum tempo.



Daniel Leite: Exatamente, há algum tempo! Claro que eu fiz a pergunta esperando um pouco da resposta, porque tanto eu quanto o Marcelinho, a gente no dia a dia vê também essas necessidades só sendo expandidas. Fala aí, Marcelinho, não é verdade?



Marcelo Gomes: Acho perfeito o que vocês comentaram agora no final, porque quando a gente fala de gerar oportunidades, se a gente não falar de dados... O Google é uma empresa que sempre foi focada em dados. E a gente está vendo isso, que o mercado está indo para esse caminho, para esse movimento, e a gente vai, cada vez mais, precisar de pessoas. Mas acho que é legal, até porque isso puxa um ponto que eu queria trazer. Quando a gente fala de gerar mais oportunidades, é importante com certeza a gente falar o que a Carmela comentou no início sobre

diversidade dentro do segmento. Esse tema é um tema supervalorizado aqui dentro do Google e também pela SoulCode: criar esses cursos, esses programas, por exemplo, “inclusivo para mulheres”. É um exemplo, porque a gente sabe que tem muito mais gêneros do que só homem e mulher hoje, dentro do contexto de sociedade em que a gente vive. E, pensando no cenário de TI, a gente tem um setor que sempre foi mais focado, exclusivamente, e formado, por homens. Se a gente for pegar a proporção hoje, ela é muito grande. E se a gente falar das minorias, de outros gêneros, a gente vai mais longe ainda, da discrepância. Como é que vocês enxergam? Vamos pegar esse tema inicialmente para a gente começar a discussão. Como vocês enxergam o potencial da presença de mulheres dentro do setor de TI?



Carmela Borst: Primeiro, eu me sinto muito à vontade de falar desse tema porque eu sou uma profissional que ficou mais de 20 anos na indústria de tecnologia como mulher. Fui até fundadora de alguns grupos de mulheres em tecnologia. Por quê? Porque não é só um tema neste momento da falta de diversidade em tecnologia — e aí a gente está falando de todas as diversidades, inclusive de mulheres — mas é algo que acontece desde sempre. Eu diria, para vocês terem uma ideia, hoje, apenas 20% das pessoas que trabalham com tecnologia são mulheres e, dessas, apenas 5% são mulheres pretas. Então, a gente está falando de uma possibilidade enorme nesse mercado e com uma diversidade que não é só de mulheres, mas a gente está falando da diversidade etária, a gente está falando de diversidade geográfica, a gente está falando de gênero, de raça. Enfim, a gente tem um caldeirão de diversidade que pode ser feita na área de tecnologia. E essa é uma outra dicotomia para a gente falar dela também, que é uma loucura. Porque a gente só tem inovação quando existe diversidade, porque a inovação só acontece quando tem cabeças diferentes, realidades diferentes, classes sociais diferentes, educação diferente olhando para o mesmo problema, e a partir daí vão vir vários insights para conseguir acontecer a inovação. Então eu até diria mais. A diversidade, além de ser um tema que a gente sabe, é o S, do ESG, puro dentro das empresas, e é um pilar importante de crescimento [e] de inovação dentro das empresas. Mas quando a gente olha para a palavra inovação, sem diversidade, ela não existe. Então as empresas que contratam com diversidade só têm a ganhar. E, de fato, a gente tem que olhar para uma projeção futura do que acontece no mundo, que é: a gente tem cada vez mais oportunidades — como a gente acabou de falar especificamente, inclusive na área de dados — e a gente vai ter que criar, que é esse papo todo que a gente está tendo de “capacitação”. Então vamos embora trabalhar essa questão da capacitação, da oportunidade, da educação, mas com diversidade, né, Fabio?



Fabio La Selva: Olha, Carmela, acho que você não poderia ser mais completa. Não tem muito mais o que complementar. Acho que o único ponto a adicionar é que, na minha opinião, acredito que também é papel das grandes empresas de tecnologia investir e incentivar iniciativas que promovam e fomentem a capacitação de mulheres, especificamente no setor de TI. Então, no Google, a gente teve o Grow with Google para mulheres no primeiro semestre. A gente teve outras iniciativas menores com grupos menores e eu tenho certeza [de] que ainda existe uma janela de oportunidade tremenda nessa frente para grupos não de só mulheres, mas outros grupos menos representados, para que o mercado de tecnologia, como um todo, continue investindo cada vez mais.



Daniel Leite: E que esse crescimento cada vez mais seja representativo, como vocês dois citaram. E aqui, no podcast, a gente gosta muito de números — números, estatísticas. Então vou citar mais algumas coisas aqui para já destrinchar uma próxima pergunta para vocês. No Ranking de Competitividade Digital de 2021 feito pelo International Institute for Management Development, o IMD, em parceria com a Fundação Dom Cabral, o Brasil apareceu na posição número 51 em uma lista de 64 nações, e ficou atrás de países como Índia e Chile, só pra citar alguns exemplos. Essa foi a mesma colocação do Brasil na lista de 2020, ou seja, o país parou nessa posição em dois anos consecutivos. Quando a gente fala sobre falta de profissionais capacitados no nosso país, um dos motivos apontados pelos especialistas é a saída de talentos daqui para o exterior. É claro que isso é uma certa forma de valorização dos nossos profissionais, claro, e uma oportunidade profissional incrível para eles. Mas, até para encaminhar o nosso papo aqui já para os “finalmentes” — porque nosso podcast também não é eterno, eu adoraria que fosse — como vocês acreditam que seria possível reter esses talentos aqui no Brasil, valorizando-os para que se qualifiquem e qualifiquem também o mercado de trabalho, principalmente olhando para o mercado de TI no Brasil, e quem sabe também melhorar o desempenho do nosso ranking nos próximos anos? Seria muito bom! O que vocês acham sobre esse tema?



Fabio La Selva: Olha, Daniel, de verdade, esse é um problema real que a gente não precisa nem ler, não precisa nem ver as estatísticas. A gente vê isso acontecendo no dia a dia. Quem está no mercado de tecnologia observa isso de perto. Tem conhecidos nossos que estão preferindo oportunidades no mercado exterior — às vezes até trabalhando online em casa para ganhar em dólar — a ficar em uma empresa dentro do mercado nacional. E a grande verdade é que é um tema muito complexo com uma resposta complexa. Não é simples que uma frente só consiga resolver esse problema, na minha opinião, mas é uma questão de mercado com outros players, com outras frentes que devem ser olhadas. Então tem vários fatores envolvidos, como a situação do país, a economia, o cenário macroeconômico. Enfim, como eu comentei, é

complexo. Mas parte da resposta está aqui no nosso papo de hoje. Do lado das empresas, do mercado, é superimportante investir em um plano de desenvolvimento de carreira para os profissionais, [fazer] investimentos em capacitação, as empresas se conscientizando cada vez mais da sua responsabilidade não só de empregar, mas também de serem agentes no processo de capacitação, de alguma forma. Então, acho que tudo isso faz parte dessa resposta, o que a gente espera de verdade contribuir para que essa situação se altere nos próximos anos. Eu deixo para a Carmela complementar com a visão dela, com certeza, com bastante riqueza.



Carmela Borst: Bom, Fabio, acho que a primeira resposta é que a gente precisa ser competitivo. Existe mesmo, e eu vou dar até alguns exemplos que eu vivi recentemente, que é Portugal, que é um grande exemplo disso. Portugal hoje é um grande polo de inovação na Europa. Eles exportam mão de obra em tecnologia, tem grandes edtechs trabalhando lá e eles estão vindo buscar no Brasil também. Criaram inclusive um tech visa. Agora, o que a gente precisa fazer para reter esses talentos? Primeiro, é uma questão de competitividade. E aí a gente está falando de empregabilidade, a gente está falando de remuneração, a gente está falando também de um sentido que eu acho muito importante, que é: a sociedade tem o seu papel de trabalhar para reter essas pessoas. A gente não está só falando das empresas, mas a gente está falando da sociedade. E por que eu estou dizendo isso? Porque, quando a sociedade — e aí eu incluo nosso papo aqui hoje — a gente realmente traz esses temas para serem discutidos, muitas vezes dentro de grandes empresas, como é o Google, com o Google Cloud, a gente está fazendo, a gente está questionando, a gente está criando um ecossistema para que essas coisas possam vir a acontecer. De forma prática, numa dessas minhas andanças, eu fui conhecer um lugar em Portugal chamado Fundão. Fundão, além de ser um lugar incrível em que eles fazem uma cereja maravilhosa — eles são produtores de cereja — eles entenderam que, em determinado momento, os jovens estavam saindo dessa cidade, uma cidade bem distante de Lisboa e numa zona rural mesmo. O que o governo fez? Ou seja, a prefeitura local fez e isso depois virou um programa governamental. Eles criaram um programa de capacitação muito parecido com o que a SoulCode faz dentro da cidade do Fundão. Para quê? Para que os jovens não saíssem dessa cidade, da zona rural, mas que pudessem, aqueles que optassem [por] ir para a área de tecnologia, eles pudessem fazer onde eles estão. E aí, com isso, vieram para a cidade de Fundão várias empresas de tecnologia. Aí quando a gente está falando de competitividade, a gente está falando de oportunidade, a gente está falando de impacto social, a gente está falando de uma imensidão de diversidade. Então eu diria que esse é um problema que a gente tem que trazer enquanto sociedade, como a gente está fazendo hoje, enquanto empresa privada, enquanto governo, mas é um tema que a gente tem que tratar como se passasse até a ser um tema muito bom. Porque tomara que a gente consiga ter

profissionais capacitados o suficiente para que a gente tenha que ir para o próximo passo, que é retê-los no nosso país.



Daniel Leite: É isso aí, uma coisa por vez. O exemplo que você citou agora, dessa cidade, é maravilhoso. E vocês mesmos colocaram isso: a gente tem tanta coisa a pensar que realmente tem que ir aos poucos, mas tem que acelerar. Cada uma dessas iniciativas tem que ser acelerada, seja ela iniciativa pública, privada, nós mesmos, tentar levar cada vez [mais] essa mensagem de que é importante e que vai fazer com que a nossa sociedade, o mundo de tecnologia, as empresas, se desenvolvam como a gente gostaria que fosse no melhor dos mundos.



Marcelo Gomes: Eu queria até aproveitar para comentar um tema que eu acho que, apesar da dificuldade que a gente viveu durante a pandemia, eu acho que uma coisa muito bacana que a pandemia trouxe, nesse contexto, para muitas empresas que não trabalhavam remotamente, foi a possibilidade de se trabalhar de forma remota e realmente trazer esse cenário para empresas que não tinham essa realidade. De todos os desafios que a gente viveu, eu acho que a gente conseguiu acelerar muito essa transformação para poder abrir mais espaço para trabalhos como este que a gente está fazendo aqui em parceria com a SoulCode, não é, Fabio e Carmela? Eu acho que isso e outras coisas que a gente vai conseguir, talvez acelerar ainda mais esses projetos. Talvez, se a gente fosse falar disso em 2019, a gente teria um chão muito mais longo ainda para conseguir chegar a muitas empresas que hoje já aceitam pessoas. Eu conheço amigos que moram em áreas do interior, afastadas, no Brasil, e trabalham para empresas grandes, corporações em São Paulo, ou que têm central em São Paulo, ou até mesmo aqui na região. Então é muito bacana ver que a gente está conseguindo vencer algumas caminhadas. Mas o caminho ainda é longo! A gente ainda tem muita coisa para caminhar para chegar a um cenário aceitável.



Carmela Borst: Você tem total razão. A pandemia trouxe esse benefício, que foi dar um pulo na digitalização, nessa transformação digital. E tem uma questão cultural bastante forte. A SoulCode, desde quando a gente ainda tinha ela no papel ou estudando qual seria o modelo dela, a gente sempre acreditou, por vir desse universo de tecnologia e por também sempre olhar os números e as tendências, que era um caminho sem volta a educação à distância. Então, antes mesmo da pandemia, nós nasceríamos 100% online e ao vivo. Então a gente acredita nesses dois momentos. A gente fala de uma educação que pode ser somente online, mas tem a educação que pode ser 100% online e ao vivo também. Então a gente nasceu como um nativo digital. Por isso que, quando foi em dezembro de 2020, para a gente foi muito fácil sair porque essa era a nossa missão. Isso já era como a gente foi desenhado. Só que a gente sabia que tinha um tempo para as pessoas culturalmente aprenderem a

estudar ou a trabalhar à distância. E nisso a pandemia teve o seu benefício, porque a gente teve que incorporar, todos nós, imediatamente. Algo que, nos caminhos normais, demoraria pelo menos mais uns 5 anos para acontecer.



Daniel Leite: Como o Marcelinho comentou e você bem falou agora, Carmela, aceleramos, mas precisamos continuar com o pé no acelerador, porque tem muito a ser feito. Carmela, Fabio, muito, muito obrigado pela presença de vocês! O papo hoje foi muito rico! Tenho certeza [de] que os nossos ouvintes vão conseguir tirar lições muito importantes do que vocês comentaram e com certeza seguir uma trilha de conhecimento que faça realmente sentido. Divulgar o trabalho da SoulCode, divulgar o trabalho que a gente faz em parceria, para a gente, faz total sentido. Obrigado de novo, Carmela! Obrigado, Fabio! Marcelinho, gostou do papo?



Marcelo Gomes: Achei sensacional! É só aprendizado e a gente vai pegando mais temas [de] que a gente gosta. Eu, particularmente, também adoro esse tipo de tema. Sempre participo, quando eu consigo, junto dessas iniciativas. E queria reforçar meu agradecimento, Carmela e Fabio, pela participação de vocês aqui. Como o Dani comentou, foi muito bom ter recebido vocês aqui com a gente e terem podido compartilhar parte da estratégia e do trabalho que vocês têm feito dentro da sociedade.



Carmela Borst: Opa, “tamo junto”! [risos] Foi um papo ótimo, viu, pessoal? Obrigada! Foram muito generosos!



Fabio La Selva: Foi excelente! Obrigado mesmo, pessoal! É sempre bom participar e debater esse assunto. Valeu!



Daniel Leite: Obrigado!

[Vinheta De Cabeça na Nuvem]



Marcelo Gomes: Você tem ideia de quantas pessoas acessam a internet no mundo? No episódio de hoje, a gente falou sobre competitividade digital e como a tecnologia pode gerar novas oportunidades e mudar a vida das pessoas. Mas uma fatia considerável da população global não está online. O número de usuários ativos no mundo, ou seja, aqueles que acessam a internet regularmente por algum dispositivo, seja pelo computador ou seja pelo celular, ultrapassou a marca de 5 bilhões de pessoas em julho deste ano de 2022. O número é impressionante, mas ele representa apenas 63,1% da população mundial. Isso quer dizer que quase 3 bilhões de pessoas continuam offline, e a maioria delas está na Ásia e na África.



Daniel Leite: Esses números fazem parte do estudo “Digital Global Overview Report”, publicado pelo site Datareportal, e faz um compilado de materiais de diferentes plataformas de dados para juntar essa informação toda. A boa notícia é que esse índice está sempre crescendo. O número de usuários ativos de internet no mundo tem aumentado a uma taxa anual de cerca de 4%, e essa pesquisa aponta que dois terços da população mundial devem estar online em algum momento do segundo semestre de 2023. Se você quiser acessar mais e entender um pouco mais a fundo esse estudo, nós vamos deixar o link na descrição deste episódio para o estudo completo e mais informações.

[Trilha Google Cloud Cast]



Daniel Leite: Ficamos aqui com mais um episódio do Google Cloud Cast, mas não antes da mensagem final do Marcelinho, certo?



Marcelo Gomes: Ah! Lembrando, Dani: qualquer comunicação, sugestão, se vocês tiverem um tema que vocês queiram que a gente trate aqui no nosso Cloud Cast, é só mandar um e-mail para googlecloudcast@google.com. Lembrando novamente: googlecloudcast@google.com. Muito obrigado e ficamos por aqui com este episódio. Um grande abraço!

